

O Sardoão

Director e Proprietario
Domingos Sousa de Mello

Redacção e administração
Rua de S. Francisco, 11

BIBLIOTECA MUNICIPAL
Typographia e officina de impressão
Typ. Minerva — FAMALICÃO

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez DE BARCELLOS

FOLHA COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA

Redactores: *Riffenho, Pepino, Caetano, Fabião, Cagalhufas e Nabuco*

Anno I

Barcellos, 15 de Março de 1910

N.º 6

Resurreição

Oh! decorridos são dezanove seculos que a humanidade soffreu o mais pungente e doloroso golpe com a tragedia do Calvario!

A terra e os ceus sentiram o mais profundo e intenso abalo.

O mar, agitando-se em fortes convulsões, mostrou-se indignado com tão execrando crime.

O sol, como que envergonhado com a Ingratidão dos homens, deixou de espargir os seus aurifulgentes raios e o dia transformou-se em densa noite de trevas.

Emfim, toda a Natureza se revoltou contra tão cruciante e estupendo attentado.

E tu, oh Golgotha, que viste desenrolar a teus pés todo esse painel de horrores e atrocidades, conservas a recordação d'esse hediondo espectáculo.

Após, tão funesto acontecimento em que Christo, o profundo e sapientissimo philosopho, supportou coberto de opprobrios, cravado a um tósco madeiro, uma morte affrontosa e tyrânica, seguiu-se a mais admiravel e radiante aurora da vida, o mais extraordinario e incomparavel milagre, que tanto tem assombrado as gerações:

A Resurreição.

Se Christo foi glorioso durante a sua vida sobre a terra, revelando a ternura inefavel do seu coração, obrando innumeros prodigios e manifestando a omnipotencia do seu poder, a maior gloria alcançou na sua Resurreição.

E' ella, pois, a synthese de toda a fé, o triumpho da morte, o segredo de todas as victorias e o assombroso mysterio que levou os homens até ao invisivel.

Esse Rabbi, tão doce e terno, que amou as criancinhas como auroras ridentes de esperanças, foi magestoso, quando resuscitou resplandecente de gloria.

Mas, d'esse sepulcro, não surgiu sómente o incansavel pu-

gnador do Bem, da Verdade e da Justiça; com elle, surgiu, tambem, a verdadeira liberdade e a aurora brilhante e redemptora dos povos.

Chronica do Porto

Dois assumptos principaes dominam o pobre espirito portuense; se é que ainda existe espirito no meio de tanta imbecillidade. Esses são: O centenario a Herculano e os projectos para o monumento, á guerra peninsular.

Tudo que diz respeito ao centenario a Herculano, não passa d'uma prova de impotencia da academia actual; (eu o crelo) pois que as festas ao grande mesire da historia, são promovidas pela nossa decadente academia. E' desconsolador, mas é assim. Desde a gréve que assombrou o mundo, porca e miseravelmente furada pelos seus iniciadores, a nossa academia encontra-se em estado de decadencia tal que eu julgo-a, por mais esforços que faça, incapaz de qualquer coisa de grande e alevantada. Isto em primeiro lugar; em segundo lugar, é que eu não acho entre os academicos portuenses, rapazes que possam fazer um trabalho perfeito sobre Herculano. Não ha oradores que possam empolgar as massas em discursos soberbos, e não ha capacidades mesmo que o possam fazer. Posto isto fico na expectativa á espera d'um impossivel desmentido ás minhas palavras.

Agora quanto ás maquettes para o monumento da guerra peninsular, crelo que toda a critica é impossivel pois que ellas a não merecem.

E' tal a pobreza da arte, de engenho e de concepção, que se observa naquelles bocados de marmore e bronze, que entristece recordal os.

Como estamos longe do tempo dos nossos grandes esculptores e archtectos! Hoje ha, sem duvida, alguns (poucos) artistas

que honram o nome portuguez nas bellas-artes; mas d'esses mesmos alguns que concorrem, mostraram uma tão desastrosa e pobre concepção d'arte, que os marmores se fossem entes animados córariam ao verem-se assim trabalhados.

Fecho por hoje esta chronica talvez cheia de má lingua; mas é uma santa indignação esta de vêr tanta falta de senso commum no nosso paiz.

Porto, 3-9-10.

S. C.

O cometa de Halley — Boato falso do seu encontro com a Terra — O que diz o astrologo snr. Duarte

Alguns jornaes diarios occuparam-se largamente ácerca do cometa de Halley que tem posto em sobresalto milhares de habitantes e occasionado muitas mortes.

Para descanço dos nossos leitores e completo socêgo de todos, resolvemos entrevistar o nosso astrologo snr. Duarte, contemporaneo de Copernico e discipulo de Encke, Flammarion, Demoiscan e muitos outros, com quem praticou durante longo tempo e até hoje inequalavel.

Insano trabalhador e apolo-gista do *Baccho*, o seu nome, em breve, echoou por toda a parte, devido aos relevantes serviços por elle prestados á grandiosa causa d'astronomia, graças ao seu proficuo estudo e esmerada competencia.

O eminente astrologo, vendo que os seus collegas e antigos mestres aterrorisaram a humanidade com supposições phantasticas, ameaçando-a com o desaparecimento do nosso globo na hypothese de se chocarem, promptificou-se, e da melhor vontade, a desmentir taes boatos propagados pelos jornaes e portanto, segundo elle diz, sem fundamento.

O cometa de Halley, o errante bagabundo que gira na immensidade do espaço, é um dos maiores entre todos os seus congeneres.

Já em tempos prehistoricos esse mesmo cometa era um dos mais volumosos da *matilha* planetaria; e, como todos os corpos se attrahem na razão directa da sua massa, foi precisamente o que aconteceu, com o feroz e temivel extinguidor dos encantos descendentes de Adão.

O homem, apoiado na ignorancia, não conseguiu ainda sondar os mysteriosos e inexplicaveis segredos d'astronomia, apesar de já ter raiado a luz do progresso!

Neste meu labutar constante e innata propensão para a causa a que me dedico, posso, melhor que ninguem, fornecer alguns dados mais satisfatorios e exactos a tal respeito, que qualquer outro, que deseja passar por sabio e, afinal, não é senão um profundo analphabeto nas lides astronomicas.

Annalysar os astros, observar os seus movimentos, calcular a sua acção, não é deliciar os ouvidos com a Ave Maria de Gounaut cantada pelo Gorge, massim o producto de muito trabalho, mutuamente auxiliado por apparatus aperfeiçoadissimos, os quaes só eu possuo.

Entre elles, porder-lhes-hei mencionar um enorme *gazo-metro* de que me sirvo, para illuminar a abobada celeste, nas densas noites de trevas e uma *bojuda canéca*, cheia de genuino *rascante*, que me consola e fortifica o meu espirito debil.

Passando a promenorisar as recentes opiniões, ácerca do curioso phenomeno, que na actualidade tanto nos interessa e preoccupa, sou, completamente adverso a taes erroneas informações, apresentadas por algumas notabilidades mundiaes.

Não é possivel, de fôrma alguma, o encontro de Halley com a Terra.

Procedendo a serias investigações, consegui medir a vasta e *cabelluda* cauda do cometa, a que me refiro, verificando que o seu maior comprimento era de sessenta e nove milhões de *yardas kilometricas*; e, como a distancia da Terra ao mesmo planeta é de novecentos e noventa milhões de kilometros, claramente se vê, que estão muitissimo distanciados um do outro.

Por isso, e attendendo que a prodigiosa força que solicita os astros não permite o menor afastamento, eis o motivo, por que é um absurdo.

Como vêdes, caros leitores, não é preciso meditar muito, nem tão pouco ser dotado d'uma intelligencia perspicaz, para facilmente perceber o que deixo demonstrando, e as falsas parvoíces que a litteratura de dez réis espalhou por todo o paiz.

Por conseguinte, descansae e tranquillisae o vosso espirito, comei e bebei melhor, e não vos fieis em pantominas, porque d'esta ainda não ides, no entanto

Deus Super Omnia
O astrologo.

Festas de Cruzes

Será verdade!?

Haverá tantas coisas lindas!?

Sendo assim, com certeza, será muitissimo concorrida por forasteiros... *de fora e dentro*, esta linda e encantadora villa de Barcellos, que recebe-los-ha com estrondosas salvas de morteiros e um numero indefenido de bandas marciaes.

Afirmam-nos que um dos numeros do programma d'este anno, será uma *corrida velocipedica*, na qual tomam parte os *laureados* cyclistas srs Baptista, J. Candido e Lapato que mais uma vez, darão provas da sua mui e incomparavel arte, conquistando assim a sympathia de todos os Barcelenses.

O concurso hyppico será tambem um dos numeros mais attrahentes, não só por ser novidade, como tambem pela competencia dos concorrentes, que sem duvida merecerão o agrado e applauso dos espectadores.

Sempre é certo, tomaram parte nestes festejos as seguintes bandas: Armada, Guarda Municipal de Lisboa, Municipal do Porto, 37 de Murcia, Lanceiros da rainha, Silva, Gueiral, Villa Cova, Bastuço, S. Verissimo, Gilmonde e Marinhas, não contando com as da terra.

Foi dada ordem ao sr. com-

missario geral da Policia d'este concelho, para impedir a passagem dos *electricos* nas ruas:

D. Antonio Barroso, rua da Palha e S. Francisco, devido ao desuzado transito nas mesmas, durante aquelles dias.

CORRESPONDENCIA ALDEA

Enviaram-n'os aqui ha tempos de Roriz, uma carta cuja copia fiel a seguir publicamos.

Será bom que os leitores se acautelem ao lê-l'a pois os *gatos* que nella vão podem-nos mimosear com algumas arranhaduras.

Radação du Sardon—Barcellos no dia 14 d'este Mez houve um Batiszado en LIJó de um filho du neto du Sr. Joaquim José de Carvalho de LIJó, Padrinho u Sr. P.^o Antonio Gomes Barbosa de quirás i a Madridha A Boe du Menino.

tem este menino uma Boe i um Bisza Boe 13 Bisza Boes 3 vizaboes du Menino i um vizaboe.

No dia 19 d'este nasceu um Menino Filho de Manoel de Faria Machado de Roriz i us Padrinhos João Bruno i uma Filha du Faria i Nasceu Sem nariz e ga ce interou nu çumiterio de Roriz e para não fazer a despesa u João Bruno querio Lobar para u çumiterio ás costas Para não dar trigo aos rapazes du intrero este Caso é primeiro en Roriz

isto é tudo Berdade

A. da C.

Marinha de Guerra

Viegem de instrucção

Largou, no dia 15, do nosso porto a poderosa *esquadra do Cavado*, para instrucção de aspirantes, dirigindo-se a *Karapessus*.

Era composta dos couraçados, *Ligeiro* e *Nunca Visto*, dos cruzadores, *Galgo n.º 1*, *Galgo n.º 2* e *Vencedor do Cavado*, e do torpedeiro *Tainha*.

O pavilhão do *almirante* Toca, commandante em chefe da esquadra, ia arvorado no mastaréu da ré do *Ligeiro*.

Acompanharam a esquadra, até á barra de Marésses, muitos barcos embandeirados em arco e garridamente ornamentados.

Os *aspirantes* que faziam parte das guarnições dos navios, eram os Ex.^{mos} Snrs. *Pilongras*, *Miscambilha*, *Zé Lisboa*, *Pedro Ferreira*, *Rabicho*, *Remelica* e *Estanislau*.

Já hoje foram recebidos te-

legrammas, por elles enviados ás estremecidas familias, dirigidos da Cidade de S. Francisco da California, onde elles fundearam.

Contam chegar aqui no proximo mez de Março, isto é, com as andorinhas!...

Muzeu

(Continuação)

O *redondo* do Redondo.

O *frak* do sr. Barros.

As *alpercatas* do «Professor de Dança».

O *cóco*, as *luvas*, etc. e tal do *Mindinho*.

Os *canudos* do Barcellos-Revista.

As *iscas* do «Segura-me os olhos».

A *cortina bicolor* da Camara.

A *sessão solemne* do Circo.

A *maceira das caramolas* do mesmo

O *Casquinho* do Francisquinho Lemos & C.^{as}.

O *equipamento* do «Barão das Vassouras».

A *bengala-taco* do Compositor *inedito*.

A PEDIDO

Eu *Lulu*, já conhecido, Dos leitores, cá d'*O Sardo*, Declaro estar servido, Por agora *ocasião*.

Namoro actualmente A cunhada d'um alferes. Mas já não sou innocente P'ra me *babar* por mulheres.

Enquanto que houver donzellas, Que-me queiram namorar, Não caio em esparrellas; Não caio em me casar.

Já toda a gente advinha O que vem a acontecer: E' mais uma, coitadinha, Que eu *engano* por querer.

Lulú.

SPORT

Patinagem

Hontem, pelas 4 e meia horas da tarde, realisou-se pela primeira vez, no *Circo* d'esta villa, uma sessão de patinagem que foi muito concorrida.

Os patinadores houveram-se admiravelmente mostrando possuirem qualidades de verdadeiros sportmen.

Finda a sessão foi entregue a cada um dos patinadores, que tomaram parte, o premio Elias, constante d'um lindo ka-

lendario, para 1911 com as armas de S. Francisco em alto relevo, e um frasco de Balsamo Celeste de Fernando Morgado.

Durante os intervallos, a *charanga* da casa executou, com toda a maestria, alguns trechos do seu escolhido repertorio,

Epigrammas

Engano Fatal

Aquella vez primeira que a segui Como um vate ou um pobre apaixonado Pensei que elouquecia extasiado Na belleza ideal que descobri.

Tinha o rosto divino d'uma hauri Corpo esbelto, fransino e delicado E eu disse-lhe assim: «Será peccado Amar um anjo por quem já morri?»

Ella sorriu da minha ingenuidade Ironica fitou-me com maldade, Perguntou-me quem era em voz de açoite

Respondi-lhe: Vagucio sem destino, Sou um judeu errante, um peregrino!¹ — «Já tenho companhia para a noite.»

Fabio.

Perfis Masculinos

VI

Já cheio de *procurar*, Quer fidalga, quer sopeira, Não é capás de encontrar, Uma mulher que o queira.

Não sei porque, é *mania*, Pois o julgo bom marido. Sabe o que é *hyalographia*, E' rapaz muito sabido.

Activo, trabalhador, Economico e *bonito*. Tambem *solicitador*, Em tudo muito expedito.

Falla muito e a correr, E anda muito apressado, E' solteiro e ha-de ser; A isso 'stá condemnado.

Tem *linda* e *rica* mulher Sempre á mão de semear. E' questão d'elle querer Com tal senhora casar.

E' engenheiro *amador*, Sabe montar *cytophones*. Por excellencia, *Senhor* Dos Passos, dos *telephones*.

Duas amigas.

Num café:
O' sr. Pereira! Quer gjoar um bocadinho o *prato*?
—E' possível!...
Que bom!...

No kiosque da Canarla:
—Tem cigarros «Kentucky»?...

Não senhor, não tenho; d'essa qualidade só no botequim...

O AGOURO

P'ros lados da praça, mesmo nas trazeiras,
Ouve-se toda a noite um mocho piar,
Já lhe armaram varias ratoeiras,
Mas inda o não poderam agarrar.

Quando sabe que jaz alguém enfermo,
Abre as azas e cortando o ar,
Eis que na casa, vae o estafermo
Seu triste canto continuar.

E' já sabido de bem longa éra
Onde piar alguém ha-de morrer,
Para o malarem quant'eu não déra
Só para elle não m'empecer.

O que nos traz ainda na incerteza
Se na verdade é mocho ou não,
E' que, oh! milagre da natureza,
Usa carquejas á Pae Adão.

Joia litteraria

Revolvendo por acaso, um
montão de papeis velhos, en-
contramos uma preciosa *joia*
litteraria, pertencente a um
nosso patricio que actualmente
reside no Porto, e que desde a
primavera da vida, começou a
manifestar a sua inegualavel
aptidão para a poesia, como os
leitores terão occasião de apre-
ciar ao lêr as bellas quadras
que a seguir transcrevemos.

A flôr

O' flôr que estás na roseira
Ninguém te póde tirar
Já lá vae a Democracia
Para tudo acabar.

A' noite que eu funciono
Aguardante limonada
Para o meu amor beber
Pela fresca madrugada.

O' republica, ó republica
Já te custa a proclamar
Morreu Latino Coelho
Para tudo acabar.

Eu amo uma menina
Por nome D. Silvana
E' aquella mais minha
Durmo com ella na cama.

M. L.

Anedocta authentica

A scena passa-se numa ta-
bacaria.

Um abastado negociante,
está muito recostado a um
canto do sophá, que a um lado
se vê collocado, por debaixo
de um espelho, tirando tremen-
das fumaças de um puro o re-
chanchudo habano, delictan-
do-se, depois de expedidas, em
as vêr seguir, fazendo capri-
chosas espiraes, caminho do
tecto.

A certa altura, porém, pare-
ceu arrepende-se de gastar
tão boa *mamadeira*, pois que
virando-se para os outros fre-
quentadores, que abancados a
uma meza, se entreteem a jo-
gar a suéca, disse:

— Eu sempre sou muito
burro!...

— Isso é modestia sua... —
disse um *sympathico* sacerdote,
reprimindo a custo a garga-
lhada prestes a sahir.

— Não ha duvida nenhu-
ma!... — confirmou o outro
muito senhor da sua pessoa e
não percebendo o sentido da
piada.

Ros pedantes

Quereis ser elegantes? Usae
os *espartilhos* do mestre Ma-
noel da Silva.

Fatal engano

Aqui ha dias, um artista, que
se estava a aquecer ao fogão do
quartel, vendo entrar um *se-
gundo sargento*, levantou-se e
respeitosamente o cumprimen-
tou:

— Bons dias sr. Padlnhas! ..

— O quê, o quê?! retorquiu
o sr. *sargent*.

— Bons dias sr. Padlnhas,
foi o que eu disse.

— Olhe que eu não admitto
abusos.

Eu sou Manoel da Silva Dna-
tas que Deus guarde, e não
Padlnhas.

Ficamos entendidos!...

Brum... Coronel Malhão!

A ama reprehendendo a
criada:

— Não tens vergonha, des-
afotada, em te deixares
abraçar por um policia?

— Senhora, a lei prohibe
resistir á força publica.

Factos & Occorrencias

Bolsa de Espozende

Em 20 de março

Cambios

	Compra	Venda
Preço de cada pataca	15,7	19,3
Aglo do ouro ás postas	3,5 ^o l.	5 ^o l.

Cheque ^s l Midões	800	910
Cheque ^s l Christello	222	235
Cheque ^s l Alvarães	502	507 ^l 2
Cheque ^s l Gilmonde	95	99
Cheque ^s l Fonte Boa	102	107
Cheque ^s l Rates	59	63

Acções da C. do Macarrão	115
Ditas da C. dos Tachados	15:934
Ditas da C. do Lixo	40
Ditas do Grupo de Pedantes	5
Ditas da C. dos Carécas	35
Ditas da C. dos Moinantes	10:300

Preço de cada canastra de sardinha cochada	1065
Preço de cada gigo de barba de milho	80
Pão fresco do Panotilhas cada borôa	25

Vozes do outro mundo

N'uma noite em que o Bento,
foi fechar, como é costume, as
portas da Camara, ouviu, uma
voz vinda de cima, de som
extranho e compassado, que
lhe causou arrepios na espinha
dorsal e lhe fez gelar o sangue
nas veias, dizer:

Gosei muito durante a vida
Em mil folguedos me metti;
Agora pago com usura a divida,
Dos males que fiz e que não senti.

Par'eu figurar em nobre salão,
Mandaram degollar meu pobre pae
Que por ser feito de *papelão*
Morreu, coitado, sem soltar um ai.

Lá estive durante bem longos annos
Até que um dia, um tiro me matou,
E logo o Bento, com ordem dos *amos*,
Para um *palheiro* m'arremeçou.

Se tu, Bento amigo, és amavel
E de mim tens compaixão e dó,
Põe-me no corredor da *indispensavel*
E já meu tio não ficará tão só!...

Bento, não quiz saber de
mais nada. Galgou as escadas
quatro a quatro, e sahiu dei-
xando aberto o portão. Nessa
noite, escusado será dizer que
não dormiu!...

Viagem á lua

As nove badalladas das Avé-
Marlas acabam de soar, compas-
sadante, no *sino grande* do
Senhor da Cruz.

Como já sabem, é a essa
hora, que todos, quer sejam
negociantes, quer sejam parti-
culares, accendem as suas luzes.
E' um habito que já remonta a
longas éras, costume que passou
de paes para filhos.

Numa loja da rua Direita,
um negociante accende, tambem,
o seu fumarento candleiro de
petroleo. A fraca luz que elle
irradia, deixa, ainda que mal,
analysar os mais escuros re-
cantos da loja.

Em algumas estantes envi-
draçadas, veem-se symetrica-
mente arrumados, rolos de
couro de diferentes especies,
taes como: vitella, chibró, pel-
lica, etc. N'outras estão as cai-
xas da graxa e da pomada, os
cordões para botas, pequenos
pacotinhos de carda e de novel-
los de fió e muitas outras miu-
dezas que agora me não lembra,
o que para o caso não tem
nada.

Por baixo das escadas, que
segue para o 1.º andar, *enaeer-
ga-se* uma escrevaninha forrada
de fazenda verde, salpicada de
multiplas nodoas de tinta, sobre
a qual estão collocados, dois
vazinhos de papellão côr de
rosa, com flôres de papel de
seda talvez compradas em al-
guma romaria e de lá trazidos
como recordação saudosa!

Ao canto do balcão, estão as
balanças e os caixõesinhos da
carda e pontas de Paris para
vender a retalho.

Els em poucas palavras a
descripção singela do estabele-

cimento. Occupemo-nos agora dos seus *habitués* que, na occasião em que se passou o que vamos narrar, lá se encontravam.

Num banco collocado ao longo da parede estão sentados: um *vendedor de jornaes*, já entradote na idade; um *sachrista*, com cara de manhoso e um *bojudo astrologo*.

D'entro do balcão, com uma mão no bolso das suas bem talhadas calças cõr de *tijollo* e tendo na outra a penna, companheira inseparavel, que manejada com maestria faz a letra mais bem recheiada e garrafal, que eu tenho visto durante toda a minha vida, o dono da casa, com voz aflautada, diz aos seus amigos:

—Sempre a noite passada tive um sonho, coisa mais patusca!...

—Então que foi?—perguntaram todos.

—Querem que lhes conte?!... Pois ahí vae.

Sonhei que tinha ido á lua...

A resposta foi uma tremenda gargalhada.

—E viu o cometa?—perguntou em *tom ironico*, o vendedor de jornaes.

—Ora v. tambem tem cada uma!...

Vêr o cometa, que está a tantas leguas da terra! Isso nem se diz—allegou o bojudo astrologo, que não gostou da chalaça.

—Seja lá o que fôr! Que sonhei, sonhei.

E quando me lembro das peripecias e dos sustos que apanhei, desato logo a rir.

Querem então que lhes conte sim? Pois ahí vae.

«Sonhei que tinha sido transportado da terra á lua.

—Em balão?—interrompeu o esperto *jornaleiro*.

—V. está tolo, com certeza! Pensa por certo que isto de ir á lua é o mesmo que ir allí á *Canaria*, beber um *calinhos de cachaça*, para matar o bicho. Ora toma!...—disse-lhe o astrologo melindrado com as suas desacertadas, interrupções.

—Não vale a pena questões! Eu continuo a contar «Fui transportado da terra á lua não sei como, nem por quem; o que eu sei é que lá me encontrei a percorrer, de guitarra a tiracolo, a minha eterna companheira de *bresunda*, as suas altas montanhas e extensas planicies. Que belleza! Que bellas vistas e que magnificos panoramas. E o luar que fazia!... Ui! que lindo.—Basta dizer-lhes que tanto me desafiou que eu sacco da minha *lyra* e zás, tiro duas variações mellodiosas e eis-me a

cantar com todo o *engenho e arte* o *Liró do Sardão*.

—E lá tambem havia couves lombardas, egrejas, e sinos...—perguntou o espicha galhetas do lado.

—Calle a bocca seu burro, quem não sabe o que diz, callasse. Pensa certamente que isto de astronomia e de planeta. é alguma brincadeira de creanças. Isto é coisa muito seria. Eu para fazer aquellas simples e pequenas *previsões do tempo* que costumam vir no *Sardão*, quanto eu não trabalho! E' verdade! leram no proximo numero um artigo por mim escripto, sobre o *cometa de Halley*, Mas que trabalho, meu Deus que trabalho. Diga-me uma coisa. Viu lá em cima O Leão, o Cysne, o Hercules?...—Nada, nada. Lá d'isso não encontrei nem raxa. Animaes ferozes, patos, valentões e tal, d'isso não vi.

—Não digo isso!... Se viu brilhar mais de perto as celestes constellações...—disse o astrologo.

—Quem viu as estrellas não fui eu. Foi minha mulher, ás orelhas de quem eu me agarrei, julgando que ia cahir cá á terra, devido a ter escorregado nuu forra-valle da lua. Que desgosto e que susto que apanhei...

—Muito gostava eu de ir á lua! Viajar tão barato!...—d'isse o sacristão do lado.

—Pois eu se lá fosse,—allegou um *inglex* que na occasião entrava—levava a minha espingarda, os meus cartuxos de polvora branca, a minha canna e os meus anzões e ai! pardaes coelhos e trutas!... Passava tudo para a minha sacola.»

Discutiram ainda durante longo tempo sobre a melhor maneira de viajar á lua, não se lembrando elles que ha muita gente que anda continuamente n'esse planeta, e quem sabe! — talvez alguns d'elles!

Coisas da vida!...

A furia sportiva de um astrologo

Na noite do ultimo domingo, o astrologo ao serviço do nosso jornal, depois de tentar impróficamente, realisar diversos e complicados problemas sobre a *rotundidade* da lua, no seu gabinete de estudo sito á R. das Capellas, ao atravessar o Campo de S. José mette a mão á sua cebosa algibeira, tira o bull-dog e zás! ferra um tiro contra a *Ursa Menor*.

Ora imaginem que na occasião passeiava no referido Campo, a gosar a fresca qualquer dos nossos leitores e lhe

vinha um balasio espetar-se não na *Ursa Menor* mas na sua *lua*.

Não gostava com certeza, o que não é de admirar.

Por isso amigo Saragoçano e Borda vinho para outra vez escolha sitio mais apropriado para pôr em pratica a sua tão genial idela, que merece bem, seja decantada, em um *poema* de quatro versos.

Tenho visto matar pardaes,
Coelhos, perdizes, peruas;
Mas o que não viram jámais
Foi matarem estrellas e luas.

Fabulas e apólogos

O milhafre e a gralha

Um preguiçoso foi um dia passear para o campo e a sua attenção foi logo despertada pelos gritos d'uma jovem gralha que tinha perdido os paes e se queixava de fome. De repente, com grande surpresa sua, um milhafre veio dar de comer á pobre abandonada. «Bondade do ceu, exclamou o nosso homem, que prodigio!... Visto que a Providencia permite milagres taes em favor d'uma simples gralha, eu já não tenho que me inquietar comigo mesmo». E, deitando-se sobre a relva, adormeceu.

Veiu a noite e ninguem ainda lhe tinha ido levar nada. Ficou sem ceia e no dia seguinte de manhã tambem não teve que almoçar.

E como se admirasse do que lhe succedia viu voltar o milhafre e dizer para a gralha. «Emquanto não podeste por ti mesma prover ás tuas necessidades, tratei eu de ti; presentemente já és grande e então não voltarei mais». E dizendo isto desapareceu nos ares. O preguiçoso comprehendeu a lição e voltou logo para a aldela a procurar trabalho.

Devemos ter piedade para com os fracos e os enfermos, mas todo o homem válido deve prover por si ás suas necessidades. Todo aquelle que não trabalha commeta uma vileza.

Vinte e dois PP

Um pintor, filho de Portugal, estabelecido em uma cidade do Brasil, querendo atrahir a attenção do publico, poz na porta da casa em que morava o seguinte letreiro: —*Vinte e dois PP*.—O governador da cidade, vendo aquelle letreiro, tomou nota do numero da casa, e mandou vir á presença o pintor para explicar o que aquillo vinha a dizer. Apareceu este, e

sendo interrogado, respondeu:—Chamo-me Pedro Paulo Pereira Pinto Peixoto, Pobre Pintor Portuguez; Pinto Palacios, Portas, Paredes, Pilares, Panos, Paineis, Pilastras, Paisagens, Pyramides, Panoramas. e Tornou-lhe o governador: stão só 19, faltam 3. O homem accrescentou: Por Pouco Preço.

Deu-se por satisfeito o governador, deu-lhe uma quantia e disse-lhe são com effeito muitos PP. A que tornou o pintor, arrecadando o dinheiro: ainda tenho mais 5 PP, e são: Pareço Pobre, Porém Possuo Patacas,

Folhas que permutam com o "Sardão,"

Folha da Manhã, publicação semanal—Barcellos.

Regenerador-Liberal, semanario politico—Barcellos.

Esposzendense, publicação semanal—Espozende.

O Famelicense, orgão semanal dos interesses do concelho—Famalicao.

O Domingo, semanario republicano-independente —Aldegallega.

Gazeta de Lisboa, quinzenario noticioso e theatral—Lisboa.

Damião de Goes, semanario republicano—Alemquer.

Bairrada, publicação tri-mensual illustrada—Mealhada.

A Defeza, semanario republicano—Villa Nova de Gaya.

O Caixeiro do Norte, semanario independente e orgão do caixeirato portuguez—Porto.

Trabalho e União, semanario orgão dos trabalhadores em geral—Funchal.

Provincia do Algarve, semanario republicano—Tavira.

A Voz do Caixeiro, quinzenario que tem por lemma: «Pugnando pelo Bem, luctando pela Verdade, doutrinando pela justiça»—Evora.

A Lyra, quinzenario de letras—Porto.

O Sorriso, quinzenario litterario e noticioso—Famalicao.

O Melro, quinzenario neutral, litterario, satyrico e humoristico—Famalicao.

Despertar!, publicação mensal que tem por divisa: «Pela Verdade, pela Justiça, pela Liberdade»—Barcellos.

O Moscardo, publicação bimensal—Rio Tinto.